

# POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração  
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . 8\$00  
» 10 » —Para outras localidades . 9\$90

Composição e Impressão  
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

## O PROBLEMA das Subsistências

## Por esse Mundo fora...

PROBLEMAS SOCIAIS

## Assistência Hospitalar e Cortejos de Oferendas

O PROBLEMA das subsistências vai tomando cada vez maior importância e acuidade.

As descobertas do progresso e marcha lenta da Humanidade no caminho do aproveitamento integral dos recursos necessários à sua subsistência vão, sem dúvida alguma, aumentando os meios e possibilidades de alimentação. Mas a verdade é que o fatalismo das teorias de Malthus se vai confirmando de forma iniludível e parece-nos que poucos são, dos que meditam nestes problemas, que hoje ponham em dúvida os conceitos que elas encerram e as más consequências que resultarão para a Humanidade da sua cabal demonstração.

por M. VERDADES

A produção mundial de géneros alimentícios, apesar do aumento em progressão crescente desde a última Guerra Mundial, foi no ano de 1951 apenas superior em 9% à média do período 1934/1938, enquanto que a população do Mundo aumentou em igual período de 12%.

Muitos e variados estudos e comentários têm aparecido sobre a gravidade do problema da subsistência da população existente sobre a Terra.

Muito notável, pela sua objectividade, deve salientar-se o de Lester Walker, intitulado «Too many people».

Meditemos um pouco sobre os dados e a lógica com que este trabalho se apresenta.

Apesar das catástrofes económicas e sociais do nosso século — diz o referido trabalho —, a população mundial aumentou anualmente de 17 milhões de habitantes durante a última década de 1937-1947. Pelas estimativas de 1948, a população mundial deverá alcançar 2.250 milhões de habitantes, população que deverá estar acrescida de mais 500 milhões dentro de 25 anos, isto é, em 1972 atingirá 2.750 milhões. A população mundial dentro de 80 a 90 anos será o dobro da actual.

As duas progressões — a aritmética para as subsistências e a geométrica para a população — lá vão aumentando o seu valor, mas o desvio é cada vez mais acentuado. Como devemos encarar este desvio? Com pessimismo, digamos francamente!

Prosseguindo, para ver melhor a acuidade do problema: Existem no globo terrestre

Continua na 2.ª página

### O Monumento ao Patrão

#### Joaquim Lopes, em Olhão

Vai ser instalada na Casa do Algarve, em Lisboa, a convite da Câmara Municipal de Olhão, a Comissão Executiva do Monumento a erigir naquela vila ao heroico marítimo olhanense, o Patrão Joaquim Lopes.

Constituem a referida Comissão os seguintes olhanenses: Sr. Antero Odorico Pacheco Nobre, presidente do Município e dedicado promotor da iniciativa, Dr.ª D. Maria Odete Leonardo da Fonseca, Arnaldo Martins de Brito, João Arcanjo Peixe-Rei Rebelo, João de Sousa Ferradeira, Manuel Valença e António dos Santos Coelho.

A maqueta do ante-projecto do dito monumento é da autoria do escultor Anjos Teixeira-Filho.

Segundo Naguib, sendo o Canal de Suez egípcio, compete aos egípcios defendê-lo. «Tropa alguma — disse — pode defender a área do Canal ou outra qualquer área do nosso território tão enérgicamente como a egípcia, pois sabem que, defendendo-o, defendem a pátria». E, a terminar as declarações, afirmou que a existência de um forte exército nacional garantirá a paz no Médio-Oriente, importante factor da paz mundial.

No Líbano, o Presidente da República demitiu o primeiro-ministro e formou um gabinete de emergência constituído por três personalidades: Nazim Akkari, na presidência, interior, estrangeiros, defesa, agricultura e informações; Bazil Trad, nas finanças, economia, obras públicas e instrução e saúde; e Mussa Mubarak, na justiça, correios e telégrafos e questões

Continua na 6.ª página

### TROVA

Ao A. V.

*Eu já vivo sem desejo,  
Eu já ando sem acção,  
Já não encontro a que vejo  
Dentro do meu coração.*

Isidoro Pires

## JOGOS FLORAIS NO ALGARVE

**ESTÃO em festa as praias algarvias, com a realização dos seus jogos florais.**

No passado dia 13, foi Monte Gordo que encetou a série dos certames poéticos, com uma interessante festa. O júri era constituído pelos srs. Dr. Cândido Guerreiro,



Praia da Armação de Pera

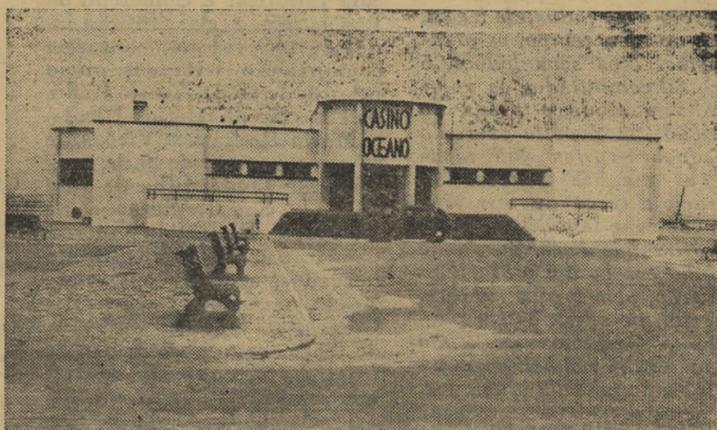
ro, presidente; Alberto Marques da Silva, autor do mote; Dr. José Neves, que pronunciou uma conferência sobre jogos florais; Desembargador Sousa Carvalho e Isidoro Pires, nosso Director. Hoje, é a Praia da Rocha que veste galas para homenagear a poesia.

Continua na 4.ª página

A este torneio também preside o Dr. Cândido Guerreiro.

Amanhã cabe a vez à Armação de Pera de glorificar as musas.

Este lindo rincão de Portugal, palpitante de seiva, que o Sol aquece radiosa e benêficamente, onde o mar, de noite, quando está adormecido, se cobre de um manto de estrelas que nos entenece; o Algarve, esta província garrida, princesa encantada que se remira no espelho do mar, escuta as notas sublimes das líras que os seus poetas fazem vibrar num cântico sublime de paz e amor!



O Casino da Praia de Monte Gordo



Praia da Rocha

## ESTAMPAS

## O AVARO, O POBRE E O PREGO

por Consiglieri Sá Pereira

**O tentáculo** Ninguém estranha, hoje em dia, a abundância de casas de penhores que, por esse país, emprestam a mais de 60% ao ano a qualquer família que ainda disponha de alguns farrapos. Outrora, o ofício de prestamista tinha seus inconvenientes. Eram poucos e conhecidos. Se o povo, em horas de fome, sentia demasiadas dores de barriga, empalava-os no primeiro candeeiro público que houvesse nas proximidades do antro. Os alvarás de préstamo custavam caro, por ordem do ministro do Reino, que não gostava de usuras, e para protecção do digno e esfarrapado povo eleitor — esperto nas ruas da cidade e lorpa nas leiras do campo. Em África, o negro ou o mulato têm o horror fisiológico do usurário; e, cada vez que lá têm procurado abrir casas de penhor, logo a casa é incendiada e o negócio impossibilitado. O mesmo sucede no Brasil. O «cazumbi» ordena e a multidão de cor fuliginosa, na nítida percepção dos seus direitos e poderes, procede como magistrados das velhas tribus que, há séculos, povoaram como escravos vindos do reino de Angola e Congo. Aqui, entre nós, a desvergonha chegou ao extremo de haver livres-pensadores peñhoristas, fartos de capitais, e cuja hipocrisia era tal que, depois de emprestarem aos pais a juro leonino, iam para as festas das sociedades de instrução e protecção popular, presidir a festas de divulgação do método de João de Deus.

**As vítimas** As crianças eram as vítimas directas destes agiotes dervergonhados, cujos cabelos brancos até pareciam pintados com tinta simpática, para que não lhe vissemos as inflamadas bochechas e o circo azul dos miopes, cuja curta vista é o pretexto de muitos para terem tempo de analisar as vítimas. Muitas vezes, o garoto tem de ir, impellido pela mãe, a fim de empenhar de manhã com que comer à meia tarde. O pai, predicador social-democrata, aguarda a vinda do petiz para ir ao barbeiro e levar duas horas a escanhoar as cerdas do bigode e da pera, regressa, perfumado com líquidos suspeitos, e parte, depois de almoçar a camisa ou os sapatos do rapaz. Volta, à noite, pedindo empregos impossíveis, e ralhando com voz nasalada com o rapazinho, que da vida só conhece o triste turgúrio marchado de humidade e tabaco. Vêm as doenças sociais. Delas, a mais rápida, antigamente, era a tuberculose. Que pulmões resistiam a manhã inteiras a rapar frio, peitos magritos expostos ao orvalho matinal e aos vitupérios dos caixeiros do prestamista, cujo avaliador cobrava à parte uma grossa taxa? Pior que Harpágão, era o bicho infecto que emprestava às mães e aos pais de manhã o almoço único do dia. Depois, insolente, num desafio, ia para a escola que subsidiava.

**O silêncio** Os piores concorrentes do comércio e da indústria legais, eram, no meu tempo, os prestamistas. Nos seus leilões, a preço vil computados os valores, havia ainda a praga do «cambão», monopólio exercido por quebra-costas que tapavam as manhas marotas do usurário a troco de uns vinténs com que iam beber à primeira locanda de galegos, onde o vinho era bom e o bacalhau com grão, pelo menos salubre. Assim, no silêncio dos permanentes silêncios de leilão de bandeirola vermelha e martelo ríspido no seu traquejar. Quem se atrevia a perturbar as manobras do avaro, do cambão e do prego? Nome gráfico

Continua na 5.ª página

## Assistência Hospitalar e Cortejos de Oferendas

(Continuação da 1.ª página)

àqueles que, mal ganhando para viver, não puderam precaver-se contra as ciladas do destino, ficando assim expostos a quantos golpes a adversidade contra eles venha a vibrar.

Depois da fundação das Misericórdias, cuja função filantrópica há muito foi excedida, nenhuma outra iniciativa de luta contra a miséria se revelou em Portugal, mais bela e mais pródiga em benefícios às classes mais vulneráveis à dor, ao desamparo.

A origem do êxito sensacional, para muitos inesperado, alcançado pelos Cortejos de Oferendas, a que os próprios Poderes Públicos, com uma perfeita compreensão da sua importância, se tem associado, está essencialmente nos fins a que os donativos por eles recebidos se destinam.

Quem tira do seu celeiro, da sua adega, das suas talhas, da sua salgadeira e da sua bolsa aquilo que pode para ir em socorro do «Seu Hospital», pratica um acto de benemerência de elevado altruismo.

Há-de haver uma razão forte, um motivo de natureza psicológica suficiente para explicar esta generosidade inegotável, que se revelou num momento em que as dificuldades financeiras dos estabelecimentos hospitalares da província e as instituições de assistência local, que funcionam a seu lado, assumiram uma tal gravidade que a sua continuação implicava fatalmente o encerramento de muitos deles.

A Caridade, sendo uma das mais belas virtudes, raro se manifesta com a espontaneidade que seria para desejar e lhe acresceria a espiritual beleza, se viesse por si mesma ao encontro de quem sofre e necessita do seu auxílio.

É quase sempre necessário tornar mais vivas as correntes sentimentais que a vivificam e a transformam numa força preciosa.

O Hospital é a «Casa de Todos», e todos, perante Ele, contraíram uma dívida — ao mesmo tempo um dever: auxiliá-lo, ajudando-o na sua cruzada benfazeja.

De Norte a Sul do País, os «Cortejos de Oferendas», são, já hoje, uma instituição nacional.

Vai Tavira realizar mais um Cortejo de Oferendas em benefício do seu Hospital.

Tudo se conjuga e afanosamente se trabalha, para que ele se revista de uma imponência bem marcante e de avultados frutos, a fim de que os óbolos recolhidos, em momentos de solidariedade, em que compartilham ricos e remediados, contribua, de forma sensível, para destino fixado: o Hospital da Santa Casa da Misericórdia, desta linda cidade.

Setembro de 1952.

Luís Sebastião Peres

## VENDE-SE

Um prédio situado na rua Dr. António Cabreira, n.º 14 a 20, que consta de rés-do-chão com 4 divisões, 2 armazéns e quintal e 1.º andar com 7 divisões.

Recebe propostas Emiliano Palmeira — Tavira.

plomas atribuídos será oportunamente efectuada nos estabelecimentos em que as duas alunas galardoadas concluíram os seus cursos.

## O PROBLEMA das Subsistências

(Continuação da 1.ª página)

1.618 milhões de hectares cultiváveis.

Calculam os economistas que, «grosso modo», cada indivíduo necessita de um hectare de terreno explorado para satisfação das suas necessidades imediatas de alimentação e vestuário. Para os 2.250 milhões de habitantes actualmente existentes, temos, portanto, 1.618 milhões de hectares. Existe já, portanto, um «déficit» que se reflecte nas condições de subalimentação e de restrições de vária ordem que experimentam grande número de povos, representando enormes massas populacionais.

Quanto à possibilidade de se cultivarem novas terras, a fim de atenuem um pouco o desnível que se acentua, as perspectivas são também muito desanimadoras.

Três factores — o clima, a topografia e o solo, têm de ser combinados para que as novas terras a chamar à produção dêem bons resultados, factores que é difícil coexistirem na mesma região. A superfície inculca, mas produtiva é limitada, e o aumento da superfície cultivada não pode, como é óbvio, ultrapassar aquele limite. A progressão da população não tem qualquer limitação baseada em factores de ordem física.

A capacidade do homem sobre a Natureza é ainda, apesar de toda a sua importância, muito limitada; a irrigação é ainda de resultados bastante medíocres, e as regiões desérticas devem continuar estereis, por muito tempo ainda.

Por todas estas razões, apenas enunciadas, o problema tem aspectos muito sérios e graves.

Vejam, ainda que de uma forma muito sucinta, como se apresenta o problema para o nosso País, considerando apenas a parte continental.

A população portuguesa do Continente, segundo o último censo, é de cerca de 8.500.000 habitantes.

A superfície continental é de 89.060 km<sup>2</sup>, ou sejam 8.906.000 hectares.

A superfície cultivada não atinge os 6 milhões de hectares (5.847.000 ha). Existe ainda de superfície inculca, mas produtiva 1.484.000 ha. Quer dizer: se fosse possível, num esforço grande, activar a nossa produção e trazer à exploração a superfície inculca, ficaríamos com uma superfície produtiva de 7.331.000 hectares, ou seja inferior à média de hectare por habitante, que os economistas preconizam para satisfação das necessidades de alimentação e vestuário.

Este índice demonstra, só por si, como o nosso País terá que ser, neste capítulo, um importador em progressão crescente de géneros e produtos indispensáveis à subsistência da população continental.

Tendo em atenção o factor de progressão e população do Continente, será, em 1960, de cerca de 9,5 milhões; em 1970, de 10,5 milhões, aproximadamente.

A economia portuguesa tem necessidade de ser orientada nesta dúzia e meia de anos mais próximos, de forma compreensível e sob prisma nitidamente imperial, sempre que possível dentro do quadro da colaboração internacional, caso contrário a crise será muito grave a partir do decénio 1960/70. Mas, em qualquer dos casos, parece-nos muito provável que sejamos dos primei-

ros países a atingir os maiores graus da escala em que a crise se vai acentuar, a não ser que a característica da nossa produção passasse a ser predominantemente industrial, o que, dado o atraso em relação aos países, com estas características, parece-nos, também, não ser possível galgar a distância que deles nos separa e com eles podemos competir.

Como todos sabemos, dum modo geral, os países de economia agrícola são muito mais pobres do que os de economia industrial e até mesmo do que os produtores de matérias primas.

Ora, no nosso País (Continente) a sua principal produção e actividade encontra-se enraizada no ramo agrícola-pecuário, e basta apontar que cerca de 70% da população portuguesa, encontra aqui o seu modo de vida.

A industrialização em ritmo acelerado e a intensificação de métodos de cultura, aperfeiçoamento de sistemas de produção agro-pecuária e da sua rotina, e o aproveitamento total da superfície inculca, mas produtiva, são medidas que se impõem: e, nalguns aspectos, embora com limitação incompatível com o ritmo das necessidades, algum destes problemas começaram a ter solução adequada.

Por outras palavras: o estudo das nossas possibilidades e o balanço das nossas necessidades impõem-se como corolário da nossa economia.

Com um vasto campo de exploração e com tantos recursos inexplorados, com uma fraca densidade de população imperial, com planos de fomento bem elaborados, organização adequada e iniciativa dedicada a uma realização tão grandiosa, poderíamos ser dos últimos povos a sentir o realismo das teorias malthusianas.

Nos Estados Unidos, começou a olhar-se já com certa objectividade para o problema, de aspectos e de complexidades crescentes, do aumento de consumos resultantes do incremento populacional e do nivelamento do bem estar social, movimento irresistível que só por si, mesmo que fosse possível a estagnação da população, levaria ao estudo muito atento da forma de satisfazer as suas necessidades dentro do padrão de vida no século.

Há quem argumente (passe o termo) que os Estados Unidos é um país rico e, por isso, pode estudar, meditar e ensaiar sistemas, teorias e inovações, de forma a manter-se justamente na vanguarda do progresso e das realizações; mas, a iniciativa, a inteligência e o bom-senso podem encontrar-se em quaisquer outros países; e, por isso, não devemos aceitar esta argumentação quando ela é ditada pelo comodismo ou insuficiência dos que a utilizam.

Fazer qualquer coisa, ainda que fique aquém da perfeição, é sempre melhor do que nada fazer.

M. Verdades

## Prédios em Tavira

Vendem-se, situados na Travessa Dr. Miguel Bombarda, n.º 9 e 11, e na Avenida Dr. Mateus Teixeira de Azevedo, n.º 28.

Trata ou informa na Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 17.

# FIGURAS E FACTOS

## Aventura e glorificação de um Homem do Povo

«Hoje em dia, em certos casos, o dinheiro torna os homens egoístas, intratáveis, impertinentes, incapazes de gestos rasgados de franqueza e de generosidade. Mas casos há também em que o "vil metal" vai parar a boas mãos, que o sabem gastar com método e ordem, e provoca um ambiente de simpatia em volta do seu possuidor, que com bom-senso sabe fazer uso daquilo que o seu génio ou a sorte lhe concedeu, no interesse não só seu como da colectividade.— É este o caso do luzense João Mendonça Vargues, o homem cuja aventura e vicissitudes são motivos de glorificação, pois representam um farol em plena actividade, que o guia na estrada que o Destino lhe proporcionou—».

JOÃO Mendonça Vargues partiu da sua aldeia da Luz (Tavira), em 16 de Junho de 1919, à mercê do destino, sem qualquer recomendação ou carta de apresentação, desprovido de tudo, à parte uns mínguados «cobres» nas algibeiras da sua indumentária pobrete. Contava 18 anos de idade. Tinha vontade e necessidade de emigrar para melhorar a sua vida, pois há muito seduzia-lhe a terra de Marrocos, por lhe constar que eram terras novas a fazer, cuja promessa seduzia-o. Chegou a Casablanca a 24 de Junho, onde imediatamente começou a trabalhar, ganhando 9 francos por dia, como modesto pedreiro que era. Após uns meses de trabalho consecutivo, começou a tomar alguns serviços de empreitada, até ser chamado para as suas obrigações militares, pois acima de tudo estava o cumprimento dos seus deveres para com a Pátria. Depois de ter cumprido este dever militar, e já casado com a Senhora D. Angélica da Silva, também natural da Luz, volta a Marrocos — desta vez para Rabat — onde recomeçou o seu trabalho a dias, como pedreiro, no Banco do Estado de Marrocos, cujos méritos, proficiência e honestidade pôs à prova; e, 24 anos depois, toma garbosamente, como construtor-

## João de Mendonça Vargues

queria ser empreiteiro, fora para isso que emigrara, que abandonou a sua adorada aldeia natal. Teimoso, dócil por compleição, afrontava — como muitas vezes acontece — os perigos do desânimo dos seus camaradas. Passou anos em que trabalhou 14 e 15 horas por dia sem conhecer sequer domingos e feriados, sem perder sequer um dia por faltar ao trabalho.

Dir-se-ia que o bambúrrio, talvez produzido pela tenacidade e parcimónia, teria sido um misticismo deste homem extraordinário?...

A fortuna começou a sorrir-lhe, como atrás expomos, quando construtor-empiteiro das obras oficiais do Banco Nacional de Marrocos. A sua maior e única aspiração era não depender de ninguém, ser senhor de si para trabalhar mais à vontade e de sua conta. Enfim, queria fazer-se homem para mais altos empreendimentos; queria enriquecer, apesar de desprovido da protecção de ninguém, contando só com o apoio moral da sua grande vontade de trabalhar bem e honestamente, o que para isso muito concorreu a lealdade com que os franceses sempre consideraram o seu trabalho e reconheceram as suas belas qualidades de carácter e honestidade, o que muito o animou na execução de várias e importantes obras oficiais, como exactamente tem sido e continuará sendo o seu timbre que muito o honra como português, honrando com isso o seu próprio país.

João de Mendonça Vargues, com as suas primeiras economias, começou por comprar dois terrenos, com a ideia de num deles fazer uma casa; e, do outro, destinar-se para negócio. Construiu uma barraca, e nela viveu; mas, mais tarde, ampliando-a, fez-lhe mais uns compartimentos, indepen-



O benemérito Sr. João de Mendonça Vargues

Aquele homem atravessa, no entanto, uma crise grande de 1932 a 1936 por causa da crise geral do trabalho e devido a ter todo o seu capital empregado em máquinas e material de construção; mas, aguentando-se com resignação e calma, depara-se-lhe uns anos frutíferos — como os de 1938 e 1939 — que foram o início do grande desenvolvimento das suas actuais possibilidades, sem que, no entanto, o ano de 1939, no rebenatar da guerra, lhe tivesse causado grandes receios; mas, graças à situação de neutralidade do nosso País, ao contrário do que ele receara, abriram-se-lhe ainda maiores possibilidades, pois que muitos estrangeiros desapareceram como concorrentes, e mesmo alguns franceses, tendo sido mobilizados, deixaram, portanto, a sua actividade como construtores, deixando-lhe os pulsos livres no meio da abundância de trabalho, que foi o penhor de justa recompensa do esforço da sua inteligência e do seu trabalho.

Então, João Mendonça Vargues, que nasceu do Nada, orgulha-se e ufana-se em dizer aos quatro ventos que lhe sopram com bonança, que, a partir da época em que as obras e possibilidades começaram a multiplicar-se, só lhe resta lembrar-se como começou, para se não esquecer o caminho que fez e trilhou em todos os seus exemplos.

Simples, breves e nobres palavras essas, que deveriam aproveitar a muitos cretinos e certas nulidades que não as compreendem ou fingem não saberem compreender, proferidas por um grande homem, que nada mais foi na sua terra que um cidadão trabalhador e estimado — apesar de pobre — pela singeleza da sua vida correcta, como todos ou quase todos os seus conterrâneos o são.

Há homens que trabalham, não para fazer riqueza, que geralmente envilece as almas que a ela chegaram sem estar preparadas; mas João Mendonça Vargues foi daqueles indivíduos que, pelo seu poder de vontade, soube aproveitar do amor que dedicou ao tra-

balho, que é a mais eficiente e grandiosa escola de purificação e de aperfeiçoamento, a qual dignifica mesmo aos que nunca chegaram à dignidade, ou dela desertaram por entre terríveis combates de paixões. E assim conseguiu conquistar um nome de destaque.

Economizou, não para entesourar, não para ser rico, mas por amor a si próprio, à família e à Pátria, que dele esperavam mais alguma coisa, pois não se deve marchar para a frente com as mãos vazias, como um zero inútil, para se obter a integralização do seu valor. Todo o dinheiro economizado pelo indivíduo é força viva que vai incorporar-se à grandeza da Nação.

Todos nós conhecemos casos de força de vontade, libertando-nos do jugo das paixões, corrigindo-nos das nossas falhas físicas ou psíquicas, ora aumentando o nosso património individual, ora consagrando heróis ou canonizando santos. A vontade é um factor preponderante na formação do destino.

Há indivíduos que são solidamente bons e virtuosos, que vivem sempre arquejando sob o peso de todos os infortúnios, nunca realizando o menor dos seus desejos, enxugando mais privações que o próprio Job, sempre com uma invariável resignação, como uma árvore de sofrimento. Quem já não observou criaturas rigorosamente perversas e más, vivendo em função de crueldade, sempre muito bem sucedidas empresas, vendo realizados todos os seus desejos, sem nunca ter um contratempo, uma represália do destino, uma punição qualquer até o termo dos seus dias? Ninguém conhece os elos da cadeia existencial de cada criatura, na marcha evolutiva de sua alma para o aperfeiçoamento.

Pois aquele homem — João Mendonça Vargues — certa-

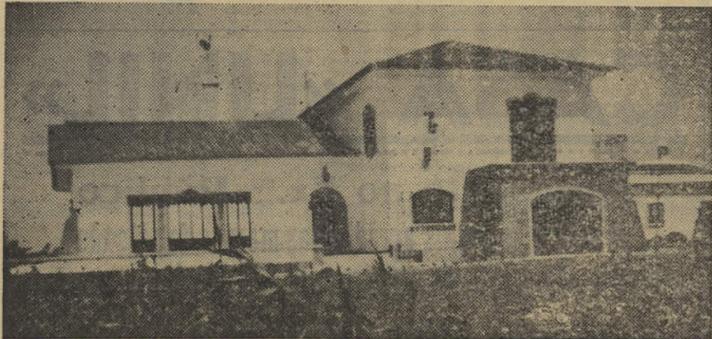
melhores dias lhes estão reservados...

Este homem simples e modesto — hoje milionário — desde que a fortuna lhe começou a bafejar — e mesmo antes — tem servido de amparo aos seus compatriotas, e de mais alguma coisa; pois, muitos portugueses que vão para Marrocos em procura de melhores dias, hospeda-os em sua casa, arranjan-lhes trabalho nas suas obras, ou procura arranjar trabalho junto de outrem, se os misteres forem diferentes aos seus serviços. As portas de sua casa acham-se abertas aos seus compatriotas que se vejam eventualmente em qualquer dificuldade.

Quando, em Rabat, os hotéis e as pensões estão repletas, é em sua casa que são albergados, quer sejam ricos, remediados ou mesmo pobres, aos quais nada lhes falta, a começar pela lhanza e afabilidade de tratamento, ao conforto e ao verdadeiro pão espiritual, pondo ainda ao serviço dos seus hóspedes toda a segurança pessoal e todas as facilidades, ao percorrerem a cidade e seus arredores, devido ao seu grande e incontestável prestígio entre as autoridades locais.

Por isso, em cada português ilustre e de grande evidência social que visite a grande cidade marroquina e que tenha a dita de privar com ele, adquire logo um amigo de verdade, sem etiquetas nem vaidades. Sua esposa, que prima no seguimento do exemplo de seu marido, bem como o pessoal de sua casa, são sempre de uma lhanza extrema, digna de registo e louvor.

Por todos os predicados que exornam aquele prestante cidadão, tão pouco imitável nestes tempos esquisitos, nós, na qualidade de periodista dos mais simples, sem a mínima parcela de hipérbole, somos obrigados por uma questão de consciência a fazer justiça às suas grandes qualidades. É o periódico que faz a apologia do homem de alma nobre e generoso como ele — neste caso está o «Povo Algarvio», órgão do concelho de Tavira — comete uma acção justa e simpática, prezando a sua missão por focar belos exemplos de



O famoso «Casal de São João»

tor-empiteiro, as grandes obras de desenvolvimento do edifício deste Banco — farol principal que iluminou o primórdio do seu feliz destino — pois o valor intrínseco foi tão grande que foi escolhido para estas obras de vulto em competição com muitos construtores franceses de nomeada. Todos estes factos indicam que, desde o princípio da sua aventura, a sua não conformação com a modesta profissão de pedreiro, mal pago, e na dependência de atrevidos ricações madraceiros, que cavavam nele e em muitos outros a sua natural aversão à sua habilidade e às suas aspirações. Queria ir mais além,

dentos, que foram alugados. A seguir, torna a ampliá-la, e, facilmente, a conseguiu alugar. Não esquecendo, porém, a colaboração de alguns amigos que o ajudavam aos domingos no primeiro apartamento que fez.

O primeiro dinheiro que ganhou com negócio foi a venda do tal terreno; e, com esse dinheiro, construiu um belo prédio de alguns andares no outro; ficou a viver num andar e alugou os restantes. Daí, partiu para negócios de construção como hábil empiteiro, sobretudo em obras do Estado. Estava, portanto, ganha a primeira etapa da sua aspiração.



Igreja da Luz de Tavira

mente será sempre generoso porque a bondade é a maior força da sua vida. Foi procurando a felicidade alheia que ele procurou a sua.

Pode-se afirmar, sem receio de desmentido, que um homem de excepcional valor, incontrolado como ele, é raro aparecer nos tempos de hoje. Ele, que generosamente já tem albergado em sua casa alguns emigrantes, sabe muito bem do drama do emigrante sem trabalho, sem casa e sem recursos, como nós também o sabemos pela leitura dos jornais e pelos queixumes das vítimas que, muitas das vezes, deixam a sua casa ao desamparo, na fé presumível de que

civismo em que sobressai a generosidade, que é um dos factores da virtude, da solidariedade humana e um dos melhores e mais belos esteios da Sociedade.

Algumas vezes temos dito neste lugar que o jornalista consciente deverá fazer surgir em público o merecimento de recompensa que distingue o indivíduo na prática das acções esporádicas, para que os exemplos mais se estendam para serem aproveitados a bem da Sociedade. Assim, é de justiça que se faça o elogio ao talento e ao bom senso, que de modo algum irá ferir a mo-

# Uma dádiva à Igreja Católica

Já depois do artigo antecedente estar entregue na redacção deste jornal, soubemos que o sr. João Mendonça Vargues ofereceu uma bela e grande imagem de Nossa Senhora do Livramento à Igreja da sua aldeia, cujo gesto, além de simpático, revela da sua parte uma grande devoção a Nossa Senhora, certamente herdada de seus finados Pais, já que outra fortuna não lhe puderam legar.

Então, soubemos que a quebra nobre atitude faz parte dum immortal dedicação:

*Ao Intemperato Espírito de Meu Pai — Saudade.*

*Ao Coração de Minha Saudosa Mãe — Amor.*

Gestos como este fazem lembrar o famoso Padre Vieira, que, num sermão de Sexta-Feira da Paixão, disse que o amor segue com a morte para o Além, pois Cristo não chorou por temor à morte, mas por temor à separação dos seus discípulos queridos.

Grandiosas palavras foram as do insigne sacerdote, cujo significado é que o maior grau de perfeição moral somente é produzido pelo maior grau de amplitude do amor. E, enquanto houver exclusões no nosso amor, a nossa provação não está poída, a nossa evolução está incompleta; e, por isso, precisamos avançar ainda. É o que naturalmente teria sucedido com o sr. João de Mendonça Vargues que — certamente a chorar de saudade e amor por seus Pais, e ainda porque na crise grave que suportou nos anos de 1932 a 1936, tanto ele como sua esposa, nas suas rezas, evocaram sempre a Senhora do Livramento para que os livrasse do perigo que corria todos os seus haveres — se lembrasse de praticar tal gesto tão nobre simpático; e não sabemos o que será para o futuro, porque o Futuro só a Deus pertence...

Conreiras Júnior

## Ermida do Livramento

Desta capela escreve o cura Nunes Leal:

«Tem esta freguesia uma Ermida de Nossa Senhora do Livramento que está dentro do território da mesma e dista da igreja paroquial um quarto de légua. Está situada numa quinta denominada Angela Clara, morgado do reverendo dr. Henrique Nunes Leal da Gama, comissário do Santo Officio, feita a dita Ermida de abóbada com um só altar e retábulo deste, de pedra lavrada, à imitação da pedraria de Mafra, sem ter coisa alguma de madeira.»

Desta Ermida e capela escreveu Silva Lopes na sua *Corografia*: «Há nesta freguesia (Luz de Tavira) a pequena Ermida do Livramento do morgado de João Diogo de Mascarenhas, de exquisito gosto e arquitectura. O frontal do altar é formado de duas pedras de cores que fazem um rectângulo de duas varas e 24 polegadas de comprimento e 3 a 6 polegadas de largura, com molduras de mármore preto; o retábulo é construído de 4 colunatas, que, do meio para cima, vão torcidas; tem os capiteis de mármore branco; no vão das colunas há uma almofada de mármore preto com veios brancos, quase diagonais, e tão bem lançados em cada almofada, que enganam os olhos, parecendo traçados a pincel; no meio das quatro colunas está o nicho com a Imagem da Senhora do Livramento quebrada num braço por um francês que ali entrou em 1833. Acha-se em perfeito abandono este precioso monumento de piedade do padre Henrique Nunes, instituidor do morgado e que ali tem os seus ossos sepultados.»

Se no tempo em que foi publicada a *Corografia do Reino do Algarve* a Ermida da Senhora do Livramento, estava abandonada, justo é afirmar que hoje está bem conservada e com muito acido.

Esta Ermida está situada na Arroiteira; é de sólida construção;

tem sacristia e casa do despacho; é abobadada e foi aumentada em 1901, para cujo aumento concorreu a armação do atum denominada — Senhora do Livramento — com 100\$000 réis. — Tem confraria legalmente constituída. Reza a tradição que o mármore de que é feito o altar foi extraído dos antigos jazigos (hoje esgotados), das proximidades de Estoi. Tem púlpito e coro e foi em 1909 visitada pelo Bispo do Algarve, o bondoso Barbosa Leão. Tem a Ermida no frontispício uma inscrição bem visível onde se lê o seguinte:

«Este templo da Senhora do Livramento mandou fazer o Padre Cura Manuel Viegas Leal por sua devoção e à sua custa no ano de 1708.»

Dentro da Ermida existem duas inscrições gravadas nas campas que cobrem duas sepulturas uma, ao entrar na Ermida, à direita — Sepultura do Padre Manuel Viegas Leal; a outra do lado esquerdo e diz — Sepultura de Vicente Nunes Leal, que faleceu em 5 de Junho de 1766.

Afirma a citada *Corografia* que a Ermida do Livramento é do morgado de João Diogo Mascarenhas; e mais adiante, afirma também que a mesma Ermida é um monumento da piedade do padre Henrique Nunes, instituidor do morgado; ao passo que o Cura Leal insinua que a Ermida é do morgado do Reverendo dr. Henrique Nunes Leal da Gama, comissário do Santo Officio. Parece, pois, que este morgado passou dos Nunes Leal para João Diogo Mascarenhas embora não encontremos este João Diogo Mascarenhas no folheto de Sanches de Baena, sob o título — «As Famílias Nobres do Algarve, ramo Mascarenhas.»

A esta Ermida concorre uma grande romaria do povo da Fusetta e circunvizinhos e nela se celebra anualmente uma festa à Senhora do Livramento.

«Grandes têm sido as maravilhas, a datar de 1698, praticadas pela Senhora do Livramento, e por isso concorre toda a cidade de Tavira a venerar e a servir a Santa Virgem. E são testemunhos irrefragáveis dos prodígios que a Senhora obra os muitos sinais e memórias, que se vêm pender na Capela, que hoje se conhece pela da Senhora do Livramento, como são mortalhas, quadros e outras coisas deste argumento.»

Foi certamente a fama de muitos milagres da Virgem, sob a invocação da Senhora do Livramento, que influiu no espirito do Cura, quando resolvera dar um título à sua Ermida. Manuel Viegas Leal, o fundador da Ermida, era padre; devia conhecer a obra intitulada — *Santuário Mariano*, e é até quase certo que ele conhecesse os factos enunciados na obra; por isso facilmente se convenceu de que deveria escolher para titular a sua linda Ermida a Senhora do Livramento.

(Da *Monografia da Luz de Tavira*, de Ataíde Oliveira).

## Figuras e Factos

Continuação da 3.ª página

déstia do homenageado, quando se trata duma individualidade inteligente e aproveitável.

João Mendonça Vargues não é daqueles indivíduos que fazem bem como reclame pessoal, pois, que a sua forte personalidade tem repúdio por tal vaidade de vaniloquo. Faz o bem que pode e quer, sem olhar a que olhem para ele, predicado este com que Deus destinou a sua compleição.

Ouve-se, por esse mundo fora, muitas lendas que ficam no olvido, por serem de efeitos negativistas, mas os factos que aqui e em toda a parte se apontam àquele homem de bem — justificáveis e incontestáveis — e que são divulgados sem seu conhecimento, são puramente positivos. Que o digam aqueles a quem ele, com a sua generosidade socorre a grita do sofrimento, a desdita da sorte e as aflições de momento, pois não recusa a sua ajuda a ninguém, porque a sua magnanimidade não tem limite. Basta ver-se que, quando vem de visita à sua aldeia — onde construiu

## Instituto A. Cabreira

Presidente Honorário, Conselheiro Prof. Doutor Queiroz Velloso; Sócios de Mérito, Generais Abranches Pinto, Ministro do Exército, e Afonso Botelho, Comandante Geral da Guarda Nacional Republicana

O Patrono cumprimentou os senhores: conselheiro prof. doutor Queiroz Velloso, por ter atingido 92 anos de idade, em plena mocidade espiritual; general Abranches Pinto, pelo 2.º aniversário da posse da pasta do Exército; general Afonso Botelho, por continuar no Comando Geral da Guarda Nacional Republicana, apesar de haver passado à reserva.

António Cabreira deve: ao prof. Queiroz Velloso, — considerado herdeiro de Herculano, pela Academia das Ciências de Lisboa, de que foi illustre Presidente da Classe de Letras, — e outras individualidades da escola nacional a ideia da promoção a Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada, que, de pleno direito, tem a graduação e as honras militares de Brigadeiro; ao general Abranches Pinto, quando Chefe do Estado Maior da Legião Portuguesa, a nomeação de Comandante de Batalhão, equipado, com dispensa de todas as provas; e ao Comando Geral da Guarda Nacional Republicana a entrada permanente no Quartel do Carmo, onde fez uma conferência sobre a batalha de Ourique e onde a banda de música executa o seu hino no dia dos seus anos. Além disso, ouve os concertos na formação do Comando e foi, durante anos, acompanhado por um oficial, a todas as festas que o consagraram. Os três illustres homens públicos agradeceram, em termos affectuosos e penhorantes.

## ORQUESTRA DO CLUBE DAS CALDAS DA RAINHA

Esta orquestra dedicou uma peça de concerto ao «senhor Conde de Lagos». Foi muito aplaudida.

## Fim de Curso

Com elevada classificação, concluiu o Curso da Escola do Magistério Primário, na capital, a nossa conterrânea Mlle. Maria Rutt Brito Neto, filha da sr.ª D. Maria Quintina Neto e do sr. professor Jaime da Silva Brito Neto, residente em Lisboa.

À nova professora e a seus pais endereçamos os nossos parabéns.

um belo e confortável palacete em uma das suas propriedades, e a quem deu simplesmente o nome de «Casal de S. João» — verifica-se o carinho, o respeito e a estima que os seus conterrâneos têm por ele, amando-o com simpatia; pois estes abençoam a hora em que o Destino fez de um pobre um milionário que não esquece que também foi pobre.

Então, e porque assim é, seja-nos permitido divulgar todos estes factos, pois nós, que os descrevemos, e o «Povo Algarvio» — dirigido pelo illustre poeta tavirense sr. Isidoro Pires — que os publica, ficamos sobremaneira honrados em apontá-los, embora em esboço, principalmente por se tratar de uma figura do concelho de Tavira, de quem este periódico se orgulha ser seu órgão regionalista.

MANUEL FRANCISCO CONTREIRAS JUNIOR

# D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira

por J. Fernandes Mascarenhas

(Continuação do número anterior)

Entretanto, todos os morgadios foram extintos; e o seu último possuidor, José Pacheco (José Morgado), acabou por vender a Farrobeira juntamente com a capela, ficando uma sua irmã, de nome Dona Maria Inês Pacheco Nunes, com a primitiva imagem de Nossa Senhora da Conceição<sup>(25)</sup>.

Indo o morgadio e a capela para a posse de Dona Maria das Virgens e depois para a de sua filha Dona Rita de Oliveira Gomes, de novo foi colocada no seu nicho próprio outra imagem de Nossa Senhora da Conceição, num gesto bem cristão e digno dos maiores louvores; mantendo-se, de então para cá, a capela com certo apuro e dignidade próprios do lugar.

Parte do antigo morgadio e a capela, são actualmente propriedade de Dona Laura Chagas, de Tavira, que, muito louvavelmente, os mantém em perfeito estado de conservação.

É a capela da Farrobeira, situada nesse rincão algarvio, mais um marco do culto de Nossa Senhora em Portugal, digno do maior respeito e veneração.

Quando à sua antiga proprietária e fundadora, Dona Maria da Graça Pessanha, diz o povo que o seu corpo se mantém incorrupto, lenda possivelmente, baseada no espirito piedoso e de bondade dessa senhora.

Seja como for. As suas cinzas lá continuam aos pés da Virgem, em eterna prece por aqueles que protegeram em vida e, também, pelos sucessivos administradores da capela que por aí passaram. E a sua voz, apesar de distante, parece ecoar ao alvorecer das madrugadas, em oração fervorosa à *Stella matutina*.

*Nota final* — É frequente ouvir-se dizer que a família Pacheco de Moncarapacho descende de Diogo Lopes Pacheco e, portanto, de D. Lopo Pacheco, companheiro de D. Afonso IV na batalha do Salado.

Embora não tivéssemos encontrado qualquer ligação com esses personagens da nossa história, sabemos, no entanto, que se estabeleceu em Monchique um membro da família Pacheco que, descen-

dendo dos fidalgos desse apelido, designadamente de D. Lopo Pacheco, teria dado origem a alguns ramos desse apelido no Algarve. É possível que a tradição não seja desprovida de fundamento.

Ao transcrevermos os documentos e inscrições, procurámos, para facilidade de composição tipográfica e leitura, desdobrar as abreviaturas e pôr tudo em ortografia corrente, embora observando, com o maior rigor, o que nos respectivos textos se contém.

Quando à fotografia da capela e solar, foi tirada pelo nosso afilhado e primo, Amândio de Sousa Faustino.

As pessoas que nos auxiliaram na parte fotográfica ou, por qualquer outra forma, aqui ficam consignados os nossos melhores agradecimentos.

(25) Dessa imagem foi-nos oferecida, a nosso pedido e por interfeência das senhoras D. Amélia Gonçalves Saramago e D. Alda Antero Barracosa, a fotografia que ilustra este estudo.

Por ela se vê estar-se em presença duma boa escultura barroca do século XVIII, feita por mão de artista.

Desde o rosto da Senhora, à posição das mãos e leveza das roupagens, aos anjos que, em revoadas, se encontram a Seus pés e à própria peanha, tudo tem encanto e sentido estético, numa palavra, tudo é arte.

Não supúnhamos mesmo, devemos confessar, que se tratasse duma imagem de semelhante categoria artística.

Que bem que ela ficava na capela da Santa Casa da Misericórdia de Moncarapacho, perpetuando a memória duma família, cujos membros pertenceram, em grande número, a essa tão antiga quanto benemérita instituição!

## Automóvel

Antigo, marca STUDEBAKER. Vende José Luis Cesário — Tavira.

## Vende-se

Uma barraca em madeira, em boas condições, com 4 compartimentos e uma cisterna, na Ilha de Faro.

Quem pretender dirija-se a Matilde dos Santos Amem, residente na Luz de Tavira.

O «Povo Algarvio» vende-se em Lisboa, no Avenida Café — Praça dos Restauradores.

## CASA «UNIL»

Apresenta ao Ex.º Público as melhores e mais acreditadas marcas de calçado

PARA CAVALHEIRO:

NILO - HERCULES

PARA SENHORA:

EVA - GARBO - LUSO

São estas as principais marcas, sobejamente conhecidas, de óptimos modelos e esmerada confecção.

GUERREIROS é a marca do chapéu da actualidade

Grande variedade de fatos prontos a vestir desde 180\$00 Calçado de senhora para saldar desde 50\$00

Rua Estácio da Veiga, 19

Telefone 114

TAVIRA

# O Avaro, o Pobre e o Prego

Continuação da 2.ª página

— deve ter vindo de algum tabique capaz de aguentar a maranha de coisas úteis ou inúteis, mas sempre vendáveis, com que o penhorista ornamentava permanentemente as vitrines das suas montras iluminadas «a giorno»...

Lá se ia, por meio da incúria de mulheres e de pais incapazes, e da anemia de crianças vítimas de tais progenitores, remédio que sobrasse para a penúria nacional, vinda destes esgotos e não de um ou outro encargo maior para o lavrador que comprava o trigo exótico e o semeava em vez de o comer. Nas aldeias, círculos restritos de provincianos, o prestamista não se atrevia a emprestar directamente. Servia-se, pois, válido da inocência total de velhos enfermos e proprietários, de notários interessados em partilhas cuja flutuação constante reduziam o campo, pelo minifúndio à pior das vassalagens: a da lei, perdida e regateada, defendida pelos escudos desses bachareis pervertidos em chatins de usurários.

**As indignidades** Todo officio tem seus ossos — é coisa certa e sabida. Mas o que se presta, espontaneamente, à chatinagem dos piores falsificadores da lei, é pior que o ladrão de si próprio ou das coisas que, pelo direito, lhe deviam pertencer. Há quem persista em trabalhar, insistir na faina sã e na ginástica indispensável, valedora da saúde e inimiga da fome. Quantos são? Poucos. Quem resiste à pressão da

sua época e dos seus defeitos corruptores desconhece os efeitos temíveis da praga deformadora do silêncio. É o silêncio, que asfixia, a arma principal dos notários que, à vista de todos, agarram os tolos e os amarram em cadeiras de pretório. Alguns ainda pensam em reagir. Inútil. Vem logo a multidão dos devassos que, em qualquer ângulo, se prestam a ser o que mande o falsário legal. Este rosna textos inexistentes, até que, ante a mancha de azeite das citações, é a própria família que pede ao inválido ou ao velho entrevado, que assine para que não se perca tudo; e este, depois de olhar à volta, capitula, tremendo-lhe a mão, ante o assalto de que os seus bens são vítimas.

Em certos casos, como um que conheci no Algarve, o notário devia quanto era ao preçito. Em vez de lhe agradecer o benefício de tantos anos, amarrou-lhe às costas, com a ajuda da própria mulher, o labeu de agiota, ele, rico armador, chamado «Rafaelito». Passados anos, vi-o na praça principal de certa vila, com o seu cão predilecto e uma lata. Qual outro Camões aviltado, estava inchado e ainda queria a esmola de uma sopa na portaria da Misericórdia.

127 é o telefone da

Tipografia «Povo Algarvio»

Trabalhos Tipográficos  
Fábrica de Carimbos

## Externato de Santa Maria

(Antigo Colégio Tavirense)

Aceita inscrições até ao fim do mês

## Instituto de Beleza "CARDOSO"



Atelier onde V. Ex.<sup>as</sup> podem efectuar as vossas permanentes com óleos vitaminados e cortes modernos

Quereis desfrizar os cabelos?  
PROCURAI ESTE INSTITUTO

Terreiro do Garção, 2-1.º — TAVIRA

## J. A. PACHECO TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas  
**PANIFICAÇÃO MECÂNICA**

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

**J. A. PACHECO**  
tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

## Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Ana Maria Cansado Carvalho de Campos Henriques, e menina Ana Maria Marques Romana Farrajota.

Em 22 — D. Catarina Jacinto Fernandes, e menino José Manuel Lagoas Gonzalez.

Em 23 — D. Maria Amália Ribeiro de Sousa Larcher Kruss Gomes, e sr. José Ribeiro Ramos e João Olias Maldonado.

Em 24 — D. Maria das Mercês Maldonado Centeno, D. Maria Helena Gomes Chagas Pereira da Silva, menina Maria Solange Padinha Barão, Mlle Maria das Mercês Nobre e sr. José António Ramos.

Em 25 — Srs. António Augusto Tavares de Sousa, Gilberto de Oliveira Gonçalves e António Carlos Marques Trindade.

Em 26 — D. Ana Xavier de Brito Teixeira Telo, e menino Rui Manuel da Conceição Esteves.

Em 27 — D. Graciete Vaz Figueiredo Pereira, D. Maria Manuela Ribeiro Padinha, menina Mercedes Afonso Mendonça Arrais, D. Vicência Augusta Madeira Viegas e sr. Manuel Caldeira Esteves.

Partidas e chegadas

No gozo de licença, encontra-se nesta cidade o sr. Décio Bagarrão, Tesoureiro da Fazenda Pública, em Silves.

— Com sua família, regressou de Aljezur o nosso amigo sr. David Soares Antunes, tesoureiro da Fazenda Pública nesta cidade.

— Com sua esposa, encontra-se nesta cidade, no gozo de licença, o nosso conterrâneo sr. Engenheiro Joaquim José Mendes Cipriano, em serviço na Sacor, em Lisboa.

— Com sua esposa e filhinhos, encontra-se nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Dr. Manuel Sabino Costa Trindade, médico, residente em Lisboa.

— Encontra-se nesta cidade o sr. Epaminondas Azevedo Mota, residente em Lisboa.

— Com sua esposa, regressou da América, onde estava há 10 anos, o sr. Francisco dos Santos, proprietário, residente na Luz.

— Com sua família, encontra-se nesta cidade, no gozo de licença, o sr. Amadeu da Silva Fernandes, agente técnico de Engenharia, funcionário da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

— Regressou à sua casa em Lisboa, o nosso conterrâneo e assinante sr. Major José Vizeto Chagas, que, com sua família, veio gozar as férias na Quinta da Saúde.

— Na Praia de Monte Gordo, encontra-se, veraneando com sua família, o nosso conterrâneo e amigo sr. Coronel Vitorino Rodrigues Corvo, residente em Lisboa.

— No gozo de férias, encontra-se nesta cidade o nosso conterrâneo e estimado assinante sr. Gilberto Gonçalves, funcionário público, em Lisboa.

Nascimento

Teve a sua *delivrance*, dando à luz uma criança do sexo feminino, a Sr.<sup>a</sup> D. Eduarda Simões Santos, esposa do nosso prezado assinante sr. Eleutério dos Santos, digno informador fiscal, ao serviço no concelho de Mora. Mãe e filha encontram-se bem.

Necrologia

Após prolongado sofrimento, faleceu nesta cidade, no passado dia 14 do corrente, a menina Maria Eduarda da Conceição Monteiro, de 24 anos de idade, filha única da sr.<sup>a</sup> D. Beatriz da Conceição Monteiro e do sr. Virgílio Correia Monteiro, proprietário da Tipografia Modelo.

A morte da inditosa menina foi bastante sentida, tendo sido o seu funeral, que se realizou na tarde de 15, uma profunda manifestação de pesar.

Acompañamos os pais no doloroso golpe sofrido e enviamos-lhes sentidas condolências.

## A Tipografia "Povo Algarvio"

Tem à venda Fichas de Matrícula para Pombos, Recibos para Rendas de Casa, diversas declarações para a Secção de Finanças, etc.

O «Povo Algarvio» vende-se em Tavira na Tabacaria Santos.

# Livros e Revistas Pela Província

Vila Nova de Cacela

C. T. T. — Inaugurou-se a nova estação.

Está instalada num edificio decente e muito central, a poucos passos da paragem das camionetas, do mercado e da encruzilhada das Estradas Nacional, Caminho de Ferro e Manta Rota.

Há muito que se impunha este melhoramento, porque a estação estava instalada num verdadeiro pardieiro, miser e mesquinho.

A população está muito grata aos Serviços Administrativos e Técnicos dos C. T. T., por ter satisfeito o pedido que lhes fez, em abaixo-assinado que lhes dirigiu, para a instalação no novo edificio — C.

## Carrinho

Para bebé, em bom estado, vende-se.

Nesta Redacção se informa.

O «Povo Algarvio» vende-se em Faro e Olhão na Livraria «Capela».

Atum no Litoral Algarvio, da autoria do nosso colaborador sr. Luis Peres.

Agradecemos a gentileza da visita e vamos gostosamente permutar.

O Enxoval da Noiva — Recebemos os n.ºs 18 e 19, respeitantes a Agosto e Setembro do corrente ano, desta excelente revista de labores, que se publicava com o nome de «O Meu Enxoval».

É sua directora e proprietária a sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena Fontes e são distribuidores exclusivos a Agência Argos.

**A Lusitana** — Recebemos o n.º 7, desta excelente revista brasileira, que, além de inserir escolhida, colaboração literária e da actualidade, traz uma interessante reportagem sobre as marchas populares de Lisboa. É seu representante o nosso colaborador sr. Luis Sebastião Peres.

**Platéia** — Temos presente o n.º 35 desta interessante revista de actualidades cinematográficas.

**Jornal do Pescador** — Deste órgão das Casas dos Pescadores, recebemos o n.º 164, referente ao mês de Agosto.

**Risota** — Recebemos o n.º 15 desta hilariante publicação, a melhor no género que se publica entre nós.

**Boletim da Pesca** — Recebemos o n.º 36 deste excelente boletim, órgão dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau, da Sardinha e do Arrasto.

Vários assuntos de interesse para a pesca são nele focados admiravelmente.

**A Voz de Almada** — Recebemos a visita deste Camarada que se publica em Almada, sob a proficiente direcção do sr. Virgílio Alves Xavier.

Em plano destacado, traz um interessante artigo sobre a Pesca do

## Tip. "Povo Algarvio"

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS FÁBRICA DE CARIMBOS  
EM TODOS OS GÉNEROS DE BORRACHA

OBRA SIMPLES E DE LUXO

LIVROS — REVISTAS — JORNAIS

# RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuizo é total!

Das seguintes marcas toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

**Ourivesaria Mansinho**  
TAVIRA

Já V. Ex.<sup>as</sup> provaram o vinho da marca

## NAMORADO?

Não esqueçam de o fazer, porque certamente passará a ser o vosso Vinho preferido.

**Delicioso em aroma e paladar**

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Abafado

## 'NAMORADO'

é a marca registada da firma J.A.Pacheco, de Olhão

**Avenida da Liberdade, 202**

A' VENDA EM TODOS OS SEUS DEPÓSITOS

# Festas da Sr.<sup>a</sup> da Saúde

RESTAURANDO as suas tradições religiosas, vão realizar-se no próximo domingo, dia 28 do corrente, interessantes festividades, no aprazível sítio da Senhora da Saúde, em honra da sua padroeira e de S. Luís. A Comissão, constituída pelos senhores João de Brito, João Pereira Nunes, Francisco Teodoro Vaz, Miguel Nunes e José de Mendonça Meixinha, organizou um programa, que constará de alvorada de morteiros e repiques festivos do sino da ermida, às 7 horas; ao meio-dia, missa solene, celebrada pelo Reverendo António Patrício, prior de Tavira, acompanhada a cânticos por um grupo de gentis senhoras.

A tarde, procissão, que se revestirá de pompa invulgar, percorrendo o itinerário do costume.

Acompanhará a procissão em todo o seu percurso a Banda de Tavira, havendo sermão ao recolher.

A chegada da procissão à ermida, será queimada uma deslumbrante cascata de fogo de artifício.

A noite, haverá arraial, quermesse e um seleccionado concerto pela excelente Banda de Tavira, sob a hábil regência do maestro Hercúlo Rocha.

Vistasas iluminações eléctricas alegrarão o recinto da festa, queimando-se durante a noite lindos fogos de artifício, presos e soltos.

Fica, assim, reatada uma interessante tradição religiosa, e é esta uma boa oportunidade para um magnífico passeio ao pitoresco sítio da Senhora da Saúde.

Estão assegurados os transportes.



Veneranda Imagem de N. Sr.<sup>a</sup> da Saúde

# POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

## GAZETILHA

*Fiel amigo, o de outrora,  
Porque, o bacalhau de agora,  
Amigo não considero;  
E, se continua assim,  
Confesso que, cá pra mim,  
Já nem a pataco o quero.*

*O outrora, era bom rapaz l...  
Hoje, é remédio eficaz;  
Por isso, vou receitá-lo  
Pra certos casos; e, então,  
Se exercer a sua acção,  
Presta um serviço de estado.*

*Essa carroça sebenta,  
Que uma besta lazarenta  
Transporta de grado mau  
A carne para o mercado,  
Anda a pedir cozinheiro  
De pastéis de bacalhau...*

*A rua cá do jornal  
Tem um pavimento tal...  
Não convida a passeatas;  
Ela anda a pedir, coitada,  
Pró cansaço, uma pratada  
De bacalhau com batatas...*

*A obra da Escola Jara,  
Como toda a obra rara,  
É assunto demorado.  
Para pôr termo a questões,  
Só the dava refeições  
Do tal bacalhau assado...*

*Escassa iluminação,  
Essa que vem lá de Olhão;  
Pois, talvez não fosse mau,  
Quando começa a tremer,  
Dar-lhe uns goles a beber  
De óleo do tal bacalhau...*

ZÉ DA RUA

## REFLEXOS

### Pombos de Morte

EM nome do Desporto — que deveria ser apenas a expressão do vigor físico, das lídimas qualidades de uma raça — meia dúzia de senhores, empunhando suas carabinas de alto preço, entretêm-se, de vez em quando, em exterminarem friamente algumas centenas de indefesas aves, nisso a que convencionaram chamar de «torneios de tiro aos pombos».

A Morte é a única entidade com força para roubar uma vida. É imutável nos seus desígnios e por muito que se esfalfem em lutar contra ela, a Morte será sempre a vencedora. Dia mais, dia menos, a parca virá e as suas asas arrastarão o escolhido para as regiões do Além. Foi perante esse poder invencível que nasceu talvez o mandamento cristão de «Não matarás». Todos os seres vêm ao mundo para idênticos fins: viver, amar e multiplicar-se. Não cabe a qualquer deles a autoridade de suprimir o outro, quer seja homem, quer seja animal. É um princípio que o homem se desabituou de respeitar, e que, presentemente, quando se está a realizar por toda a parte festividades religiosas glorificando a vida, as dores e os milagres de muitas virgens e santos, mais uma vez o carácter reversivo do portuguêsinho, amigo de saltar por cima de todas as leis, quer divinas quer pagãs, torna a esquecer, num desprezo absoluto pelas solemnidades dessas glorificações.

Lembre-mos nos que, desde remotas eras, os pombos vêm prestando inúmeros serviços à Humanidade. São indispensáveis nos exércitos, dada a sua resistência física e velocidade de voo, para a intercomunicação das ordens dos altos comandos. A mundialmente célebre agência de notícias Reuter deve os seus modestos princípios aos pombos. Por toda a parte, organizam-se clubes columbófilos, cujos associados estimam sobremaneira a ave simbólica da Paz.

E se os pombos-correios têm as qualidades que os creditam pelos governantes, como de utilidade pública, os outros, os considerados vadios, são ornamento de praças e largos, onde pousam aos bandos,

## Aprenda a comer bananas!

QUEM pode ignorar ainda o nome de Yvonne Sanson, uma das mais belas e talentosas estrelas do moderno cinema italiano? Desde que se estreou em Portugal no papel de Catarina a Grande do filme «Aventura na Rússia» até ao seu papel altamente dramático em «Toque a rebate», que a sua carreira tem sido um crescendo de êxitos.

Pois Yvonne Sanson tem um fraco: as bananas. Nada provoca a gula da gentil artista como os saborosos frutos da nossa ilha da Madeira. Yvonne come bananas a qualquer hora, em qualquer circunstância, a seguir às refeições ou entre duas cenas no estúdio.

Ela está convencida de que não existe melhor alimento, mais nutritivo nem mais doce. Os seus conhecimentos mais profundos referem-se às bananas: Yvonne Sanson sabe exactamente qual o seu valor energético, o número das suas proteínas, das suas gorduras, das suas calorías, o alfabeto das suas vitaminas e sabe qual o preço do quilo de bananas na cidade do Funchal, seu principal centro exportador.

Aliás, a bela actriz está convencida de que o primeiro passo do tango foi descoberto por um bailarino que escorregou numa casca de banana e diz-se que o escândalo que há pouco tempo envolveu o Subsecretário italiano dos Negócios Estrangeiros, Brusacas, teve origem no provérbio italiano «Mais vale um ovo hoje que uma galinha amanhã» e que Brusacas num excesso de

galanteio teria alterado para «Mais vale uma banana hoje que as colónias amanhã»...

Ora acerca de Yvonne Sanson e das suas bananas contam-se um sem número de histórias nos corredores da Cinecittà. Eis um delas:

Filmavam-se, há poucos meses, as últimas imagens dessa formidável comédia «O 13.º Homem». Descansavam das filmagens, a um canto do estúdio, algumas das maiores belezas que o cinema até hoje reuniu: Isa Barzizza, Marilyn Buierd, Laura Gore e a impressionantíssima Silvana Pampanini, a bomba atómica que atrasa o pulsar do coração de qualquer homem. Descansavam e iam escutando uma boa série de anedotas que Walter Chiari lhes contava com aquela graça tão sua e que lhe grangeou o título de maior cómico de Itália. Mas nisto deram por falta de Yvonne Sanson que também interpreta «O 13.º Homem». Os assistentes procuraram-na, os electricistas procuraram-na, os carpinteiros procuraram-na, mas tudo em vão. É então que Walter Chiari dá um pulo formidável de comicidade e vai procurar Yvonne. Procura-a e logo a encontra. E quando lhe perguntaram como isso acontecera tão facilmente, o «décimo terceiro homem» diz, com um sorriso entre o cómico e o cínico:

— Segui as cascas de banana caídas pelo estúdio fora...

É assim Yvonne Sanson no seu único defeito. Único não, tem também o de ser extraordinariamente bela...



Yvonne Sanson, a estrela de «O 13.º Homem», num dos seus filmes

misturando-se com os transeuntes, e emprestando ao ambiente uma nota de transcendente beleza.

Ambos são credores da estíma pública e, quiçá, Deus lhes tivesse dado a força desconhecida que os arrasta para o belo, para o puro aconchego da Santa de Fátima, nas suas peregrinações.

No passado domingo, na Luz de Tavira, revoadas dessas graciosas aves sobrevoaram as imagens em procissão; e, em cada espiral, o povo humilde e crente deveria ter pensado que os anjos também têm asas.

Noutras festas religiosas, porém, sobre as imagens, pairarão, sim, asas de pombos, mas sangrando das feridas dos tiros traiçoeiros que meia dúzia de Senhores dispararão, friamente, sobre eles, em nome do Desporto.

MARCO

## PELA CIDADE

**Festa no Parque** — Realiza-se no próximo dia 27, sábado uma festa a favor da «Casa dos Rapazes do Distrito de Faro», no Parque Municipal. Tem sido grande o interesse demonstrado pela população da cidade; e consequentemente, imensa a procura dos bilhetes. Tudo leva a crer que esta próxima festa seja um êxito, já porque este Verão é, talvez, a única que se realiza, já pela expectativa do bom programa de variedades e do baile animadíssimo que se prevê.

**Teatro António Pinheiro** — Espectáculos da Semana: Hoje, apresenta em duas Sessões o grandioso filme português «Madrágoa». Realização de Perdígão Queiroga. Um filme português para portugueses. O drama de um homem que consegue fugir ao seu destino, mas fica, para sempre, preso ao amor de duas mulheres. Uma história simples da gente simples. Um filme que decorre em todos os ambientes: no Aristocrático, no Burguês e no Popular.

O drama íntimo de uma mãe que a tudo se sacrifica para salvar a honra do seu filho. A alma nobre e pura de um bairro popular, cantada por Deolinda Rodrigues e Ercília Costa, nos mais lindos Fados de Frederico Valério, com os célebres artistas Deolinda Rodrigues, Ercília Costa, Helga Liné, Barroso Lopes, Manuel Santos Carvalho, Costinha, Estêvão Amarante, Assis Pacheco, Maria Olguim, Eugénio Salvador, Carlos José Teixeira e Silva Araújo.

### Casamentos

Os melhores fatos a feito com forros de seda

BOM ACABAMENTO

O mais completo dos Alfaiates

Rocha — Alfaiate

Junto à Ponte do Caminho de Ferro (Alto do Cano) — TAVIRA

Quinta-feira, uma extraordinária produção de Samuel Goldwyn, com David Niven e Margaret Leighton.

Espectacular drama de aventuras, em plena revolução francesa, «O Libertador», em technicolor; a França sob o signo de madame guilhotina. Quem é o misterioso personagem que tão audaciosamente liberta os nobres condenados à morte? As extraordinárias proezas do cavaleiro escarlate e da sua audaciosa ligá; uma aventura a cada passo. Espectáculo... Emoção...

**Farmácia de serviço** — Está de serviço urgente durante a presente semana a Farmácia Franco.

## Por esse Mundo fora...

(Continuação da 1.ª página)

sociais. O citado gabinete governará até à constituição de um ministério de coligação.

Consta que a diplomacia britânica está preparando um encontro do primeiro-ministro Churchill com o futuro Presidente dos Estados Unidos a efectuar antes da próxima Primavera. As razões justificáveis do desejado encontro são de vária ordem, ocupando especial lugar as económico-financeiras e a da possibilidade da mudança de orientação da política externa norte-americana proveniente da mudança dos dirigentes.

Na opinião de Sua Santidade, expressa recentemente, «os povos pacíficos, se forem atacados, têm não só o direito mas também o dever de se defenderem. Nenhum Estado ou grupo de Estados pode aceitar tranquilamente a servidão política ou ruína económica». É expôs em seguida os meios que julga necessários para a unificação da Europa como meio de conseguir a paz.

Imparcial

## Informações

Pelo Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios, foi concedida à Corporação de Bombeiros Municipais de Tavira a verba de 30 contos.

A Direcção da Hidráulica do Guadiana já iniciou, por administração directa, os trabalhos da construção de uma ponte submergível, na passagem de S. Domingos, que atravessa a ribeira da Asseca.

## VIVENDA

Nos arredores de Tavira, em sítio aprazível, excelente clima, aluga-se.

Nesta Redacção se informa.